

1 INTRODUÇÃO

O Neo-Realismo – movimento literário que tem o seu auge nas décadas de 30 e 40 do século XX em Portugal –, afirma Antônio Pedro Pita, nasceu em estado de polêmica. Uma interna ao movimento e outra externa. No plano externo, a polêmica deu-se entre neo-realistas – escritores colaboradores de jornais como *O Diabo*, *Seara Nova* e *Sol Nascente* – e os presencistas, colaboradores da revista *Presença*¹. Segundo Pita, estas farpas públicas tinham como objetivo, pelo menos para os neo-realistas, num primeiro momento, “limpar o terreno”², ou seja, definir o lugar para a nova geração que se impunha. Além desta busca por espaço, José Gomes Ferreira ressalta que o debate entre os dois grupos também servia para buscar uma via de expressão diante do governo ditatorial que vigorava no país: “... não passavam de fórmulas de agravo momentâneo provocadas pela paixão polêmica e, acima de tudo, pelas circunstâncias que impediam os contendores de se exprimirem com liberdade e clareza”³.

O debate interno ao movimento, como caracteriza Izabel Margato, em ensaio “Notas sobre o Neo-Realismo português: um desejo de transformação”, dá-se pelo “grande lugar-comum”⁴ marcado pela assertiva de que alguns artistas reduziam o aspecto artístico ao ideológico, argumento também utilizado contra os neo-realistas pelos presencistas. Para Margato,

[A]pesar de variadas, as manifestações externas em torno desse tópico são quase sempre redundantes, já que os resultados não costumam ir muito além de uma recusa cerrada e sistemática. Internamente, entretanto, a polêmica gerada por esse pressuposto redutor se desenvolveu de forma mais produtiva por encaminhar

¹ Ver PITA, Antônio Pedro. *Conflito e Unidade no Neo-Realismo Português*. Porto: Campo das Letras, 2002.

² Expressão utilizada por Antônio Pedro Pita em aula ministrada na Puc-Rio, no dia 07/05/2009, no Curso O Neo-Realismo português, da professora Izabel Margato.

³ APUD MARTELO, Rosa Maria. *Carlos de Oliveira e a Referência em Poesia*. Porto: Campo das Letras, 1998, p.76.

⁴ MARGATO, Izabel. “Notas sobre o Neo-Realismo português: um desejo de transformação”. In: *Revista Via Atlântica*. São Paulo: USP, no prelo.

diferentes propostas e apontar para a importância do trabalho com a linguagem na produção das obras literárias.⁵

Relembrar, no início da dissertação, a polêmica, não significa que vamos nos estender sobre ela. Queremos apenas marcar o fato de que o Neo-Realismo, como qualquer movimento de sua extensão cultural, possui contradições que o perpassaram e, para alguns críticos, ainda o perpassam. Visamos chegar a uma outra questão, que percorre a história da crítica literária portuguesa e diz respeito ao escritor que será o foco deste estudo, a qual, de certa forma, também é uma polêmica.

Ferreira de Castro, assim que publicou o primeiro livro da segunda fase de sua obra, *Emigrantes* (1928), ainda aos trinta anos de idade, vê-se lançado ao cânone da literatura portuguesa, pela inovação da temática e da forma peculiar com que o assunto foi abordado. Enfocava sua literatura não mais a classe burguesa, como o fez Eça de Queiroz, pois o jornalista formado pelo seu autodidatismo, longe dos bancos das universidades de Lisboa e Coimbra, trazia um elemento novo para a arte literária portuguesa de então – a classe trabalhadora – enfocando-a de forma não caricatural, isto é, revelando-lhe anseios e decepções, narrando experiências concretas e significativas indispensáveis para uma reflexão sobre a gênese dos problemas que a atingiam, porque, acima de tudo, a conhecia de perto. Portanto, Castro lança seu olhar revitalizador àquelas realidades que se dispunha a elaborar literariamente.

O Neo-Realismo enquanto movimento se consolida no final dos anos 30, sendo que a maioria dos críticos indica a publicação de *Gaibéus* (1939), de Alves Redol, como seu marco inicial. Entretanto, há uma discussão, começada já na década de 1940, a respeito da obra de Ferreira de Castro, sobre se ela pode ser considerada uma antecipação do Neo-Realismo na sua acepção plena ou se é apenas precursora do movimento, mas não chegando a atingir os pressupostos do grupo de Redol.

Quando trouxe às suas narrativas a denúncia das mazelas sociais, ocasionadas por um sistema econômico falido no trato do homem, onde a

⁵ Ibidem.

ganância por acúmulos de lucros sempre está acima do bem estar do ser humano, fatidicamente, Ferreira de Castro incorpora, com maior ênfase, na literatura portuguesa, um movimento de realismo social. Se o Neo-Realismo – que foi um movimento não apenas literário, mas político-cultural – deve a ele uma antecipação ou se foi influenciado por suas obras é uma discussão que ainda permanece em aberto e não constitui aqui o alvo principal. Faremos apenas um breve mapeamento dessa discussão entre grandes nomes da crítica portuguesa.

Esse realismo social castriano, foi apontado como divisor de águas na prosa portuguesa já naquela época, como notou Guedes de Amorim:

Chegou a ocasião de dizer que o romance português deve a Ferreira de Castro, mais do que a qualquer outro autor, a fase renovadora que hoje apresenta. Há vinte anos, quando este escritor publicou *Emigrantes*, o romance que geralmente saía das mãos dos nossos autores, quando não se afundava num regionalismo palavroso, seguia de perto e mal as lições de Camilo e de Eça de Queirós. Sabemos todos que assim sucedia, não é verdade? Alguns autores franceses tinham aqui discípulos, mas os seus voos eram curtos. Os próprios imitadores de Proust iam ainda na fase de leitura assimiladora...⁶.

Por sua vez, Mário Dionísio – crítico neo-realista português – também reconhece o pioneirismo de Ferreira de Castro num artigo publicado na revista “Vértice” (1947), imediatamente posterior ao lançamento de *A Lã e a Neve*:

Onde o silêncio à volta de Ferreira de Castro é já, porém de estranhar e de censurar é nesse seu inestimável valor pioneiro, de autor que abriu caminhos, reivindicando o valor primordial do assunto e aproximando a ficção do povo, conquistando para a preocupação social na literatura um lugar ao sol, fazendo entrar, o povo no nosso romance, não sob o aspecto “folclórico”, não sob o aspecto pitoresco, não como um motivo igual a outros motivos, que o talento do escritor sabe explorar em proveito da sua própria arte, mas como um objetivo a cujo serviço desinteressado e honesto o escritor põe o seu talento e muitas vezes a vida. É em Ferreira de Castro, na sua *Selva*, nos seus *Emigrantes* que o historiador da literatura terá de procurar as primeiras passadas que tornaram possível esta florescência da literatura social hoje, esta consciência social e política a que o escritor de hoje não poderá mais furtar-se, sejam quais forem os

⁶ AMORIM, Guedes. In. *O Século* de 22/07/1950. Apud BRAZIL, Jaime. Ferreira de Castro: *A Obra e o Homem*. Lisboa: Editora Arcádia, 1961.

caminhos particulares em que venha afiliar-se ou venha a descobrir. É a ele que os neo-realistas têm de agradecer para sempre o desbravar da rota.⁷

Como visto, Mário Dionísio reivindica o lugar de pioneiro do Neo-Realismo português para Ferreira de Castro, entretanto, no mesmo artigo, argumenta que o escritor de *A Selva* (1930) não é neo-realista porque seu “conceito de mundo e da vida”⁸ era diferente dos escritores neo-realistas, isto é, em outras palavras, deduz-se da argumentação de Dionísio uma crítica ao ideal castriano de mundo, por este não ser, na opinião do crítico, socialista.

Alexandre Pinheiro Torres, em seu livro *O Movimento Neo-Realista em Portugal na sua Primeira Fase* (1977), na mesma linha argumentativa de Mário Dionísio, diz que Ferreira de Castro em *Emigrantes* esteve “longe do verdadeiro ideal socialista”⁹ porque “para os neo-realistas, [esse ideal] é incompatível com quaisquer formas de compromisso com o Capitalismo ou com a ideologia ou os ideais capitalistas”¹⁰. Dessa forma, Torres refuta a argumentação de Roberto Nobre, que tinha realizado um estudo sobre Castro intitulado “O escritor e Manuel da Bouça” e afirmado que o personagem de Castro era o emigrante paradigma de uma coletividade, por isto, antecipava-se o Neo-Realismo, apesar de ainda não estar “crismado”¹¹ como tal.

Torres ainda alega que os romances (*Emigrantes*, *A Selva* e *A Lã e a Neve*) centram-se na construção de um herói individual e que no caso das duas últimas obras, há uma promoção de um filho do povo e essa ascensão “talvez acabe por mascarar a injustiça que está na base do impedimento da promoção do maior número”¹². Apesar da afirmativa anterior, o crítico chega à conclusão de que em *Eternidade* (1934) Ferreira de Castro não estava muito longe do Neo-Realismo.

Álvaro Pina, por sua vez, em seu livro *Liberdade e Subjetividade no Realismo* (1983), considera que a ênfase de considerar Ferreira de Castro como

⁷ DIONÍSIO, Mário. “*A Lã e a Neve* por Ferreira de Castro”. In: *Vértice*, vol. IV nº 47, Coimbra, Agosto de 1947, p. 304.

⁸ *Ibidem*.

⁹ TORRES, Alexandre Pinheiro. *O Movimento Neo-Realista em Portugal na sua primeira fase*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977, p. 27.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ NOBRE, Roberto. In. *Obra de Ferreira de Castro*. Porto: Lello & Irmão Ed., volume 1, p 275-277.

¹² TORRES, op. cit., p. 28.

precursor do Neo-Realismo e “uma desfocada referência do escritor a este movimento, tem diminuído, ou tenderão para reduzir, a importância da leitura”¹³ de suas obras depois do ‘25 de Abril’. Além disso, rebate as críticas feitas por Alexandre Pinheiro Torres e recusa um alinhamento do romance *A Lã e a Neve* (1947) com o Neo-Realismo:

Num caso, um comentário incompreensivelmente injusto, a revelar uma leitura pobre de *A Selva* e *A Lã e a Neve*; no outro, um alinhamento que, sem querer, diminui *A Lã e a Neve*, subalterniza o romance, quase que propondo o neo-realismo como medida e critério da literatura realista portuguesa, quase que sugerindo o neo-realismo como um valor artístico uniforme, abstrato, a-histórico, quase que ignorando as contradições que o percorreram desde o início (como movimento), que o percorrem ainda.¹⁴

Ricardo António Alves, em seu livro *Anarquismo e Neo-Realismo: Ferreira de Castro nas Encruzilhadas do Século* (2002), também faz uma crítica a Alexandre Pinheiro Torres:

Pretender ver no Manuel ‘da Bouça’ (a alcunha é importante) a exposição dum caso meramente individual, é distorcer dum modo desastrado e pouco honesto o livro de Ferreira de Castro e a intenção que lhe é subjacente. Porque do mesmo modo teríamos de encarar o ‘ceifeiro rebelde’ [referência a *Gaibéus*, de Alves Redol], não menos simbólico que este Manuel de todas as bouças. São personagens simétricas, representando a claridade e a sombra, o positivo e o negativo de problemas similares.¹⁵

Ainda para Álvaro Pina, o Neo-Realismo é “uma tentativa de reorientação temática e ideológica do realismo português e, por conseguinte, parte integrante do processo histórico do desenvolvimento do realismo na literatura portuguesa”¹⁶. Segundo ele, houve duas tendências: o realismo novo socialista no neo-realismo e “uma tendência preponderante não socialista, mas crítica, i. e., do realismo

¹³ PINA, Álvaro. “Ferreira de Castro: A Lã e a Neve. Avaliação Estética e Ponto de Vista na Representação das Relações Sociais”. In: *Liberdade e Subjetividade no Realismo*. Lisboa: Ed. Livros Horizonte, 1983, p. 83.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ ALVES, Ricardo António. *Anarquismo e Neo-Realismo: Ferreira de Castro nas Encruzilhadas do Século*. Lisboa: Âncora Editora, 2002, p.106.

¹⁶ Idem, p.84.

crítico”¹⁷. Nesta última, se encaixa *A Lã e a Neve* porque propiciou na sua concretização temática “experiências sociais e individuais historicamente significativas do operariado da Covilhã”¹⁸.

No ensaio “Contribuição preliminar para o conceito de ‘geração de 1937’” (1996), Luís Augusto Costa Dias explicita que para pensar a formação do Neo-Realismo português não se deve ficar preso apenas a fatos literários, devendo dar um peso maior ao contexto histórico. Dito isto, o autor afirma que o processo de incubação do movimento está ligado à formação do Partido Comunista Português, em 1921, e, mais decisivamente, a partir de sua reformulação, em 1929 – curiosamente, o ano de lançamento de *A Selva*. Dias ainda ressalta a influência do jornal *O Diabo*, do qual Ferreira de Castro foi diretor, para a geração vindoura:

[A]s tendências anarquista e do sindicalismo operário, por assim dizer representadas na prestigiada figura de Ferreira de Castro – ganhara notoriedade, aos olhares atentos da jovem geração em formação, pelas posições mais ou menos entrelinhadas que assumiu ante as frentes populares e o deflagrar da guerra civil espanhola.¹⁹

Óscar Lopes é mais enfático em seu posicionamento, como crítico que se declara neo-realista até os dias de hoje, situando o desenvolvimento da geração neo-realista a partir de 1935 e ligando o berço do movimento, indiretamente, ao jornal *A Batalha*, fundado em 1919. Lopes destaca que dos colaboradores de *A Batalha* um se singulariza, Ferreira de Castro, que era “um anarquista, um anarquista muito próximo do Partido Comunista”²⁰.

Ricardo Antônio Alves, em livro já citado, apresenta outros críticos que intervieram nesta discussão, quase todos dizendo que em *A Lã e a Neve* Ferreira de Castro atinge o ‘realismo novo’, em grande parte devido ao ambiente fabril, pois para “Marx e Engels só o proletariado fabril pode constituir-se como vanguarda da classe operária e derrubar o velho sistema de relações

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ DIAS, Luís Augusto Costa. “Contribuição preliminar para o conceito de ‘geração de 1937’”. In. *Vértice* 75/ Dezembro de 1996, p.56.

²⁰ LOPES, Óscar. “Em torno do realismo social”. In. *Vértice* 75/ Dezembro de 1996, p.8.

econômicas”²¹. Alves explica que com a exceção de Alexandre Cabral que aponta *Emigrantes* como iniciador do ‘novo humanismo’, outros críticos se dividem em classificar uma ou algumas obras de Ferreira de Castro como tal, entre eles estão Álvaro Cunhal, Óscar Lopes, Álvaro Salema e Urbano Tavares Rodrigues: “... uma posição de meio-termo, em nossa opinião insubsistente: Ferreira de Castro não é neo-realista, mas Ferreira de Castro escreveu um romance, ou romances neo-realistas”²². O crítico ainda questiona Mário Dionísio, que consegue perceber o Neo-Realismo nas obras de José Gomes Ferreira numa ‘acepção lata’ e em Castro, por divergência ideológica, não percebe, porque Mário Dionísio tinha uma concepção de Neo-Realismo indissociável da dialética marxista.

Se Mário Dionísio vê em José Gomes Ferreira uma particularidade do Neo-Realismo, o mesmo não acontece com Alexandre Pinheiro Torres que o considera um dos expoentes neo-realistas. Para Alves, essas divergências entre dois grandes críticos do cenário acadêmico português abrem espaço para novas reflexões sobre o ‘fator Castro’. O autor ressalta ainda que o estudo de Alexandre Pinheiro Torres foi “desastradamente tendencioso”²³ no que concerne ao escritor de *A Selva* e utiliza o argumento de Torres de que Alves Redol foi um dos introdutores e entusiastas do livro de Jorge Plekhanov em Portugal, *A Arte e a Vida Social* (1911), para contradizê-lo, pois se a conferência de Redol sobre o livro do escritor russo foi proferida em 1936, na biblioteca de Ferreira de Castro existe o livro desde 1930, com dedicatória do tradutor espanhol e passagens sublinhadas.

Ricardo Antônio Alves acredita que classificar Ferreira de Castro como precursor do Neo-Realismo seria equivocado, porque a expressão apresenta um sentido dúbio: tanto de iniciador do romance social quanto o de alguém que anunciou, mas não concretizou o proposto. Segundo Alves, na segunda noção reside um lugar-comum que ganhou *status* de truísmo. Desta maneira, põe em discussão a seguinte proposição:

²¹ ALVES, op. cit., p.78.

²² Idem, p.81.

²³ Idem, p.89.

De duas, uma: ou Ferreira de Castro é um escritor neo-realista, talvez não o primeiro, mas o mais consistente romancista que com *Emigrantes* procurou descrever a realidade, denunciando-a e propondo uma alternativa, cerca de uma década antes de Alves Redol, com *Gaibéus* (1939), ou, caso contrário, Ferreira de Castro não é um escritor neo-realista, sequer precursor.²⁴

O que se depreende da argumentação de Alves é que seria um equívoco na atualidade continuar radicando toda a literatura neo-realista portuguesa na área de influência do Partido Comunista Português. Desta forma, a crítica deveria evitar o afunilamento do conceito, ocorrido durante a década de 40, e procurar uma abordagem mais livre e isenta de um “pensamento único”²⁵, ou seja, é possível que existam escritores neo-realistas cuja perspectiva político-social não seja exclusivamente marxista.

Como foi possível perceber, a discussão sobre uma possível definição da obra castriana em torno do Neo-Realismo é longa e conturbada. Independentemente de toda essa questão classificatória de estilos ou escolas literárias, o que nos propomos fazer, nesta dissertação, é um estudo de caso. Queremos demonstrar através de nossas pesquisas como a obra de Ferreira de Castro pode ser lida em estreita articulação com a sua trajetória e, ainda, ressaltar a força de construção literária em dois de seus romances, aliada a um grande poder comunicativo, perceptível pela recepção de suas obras que se espalharam pelo mundo.

A escolha para análise dos romances *A Selva* e *A Lã e a Neve* em paralelo à trajetória de Ferreira de Castro, decorre, primeiramente, de uma sugestão feita pela professora Eneida Leal Cunha durante o primeiro semestre do Mestrado (2008.2). Posteriormente, está relacionada à nossa opção de repensar o realismo social português, muitas vezes estigmatizado, como sendo uma literatura de menor valor. Além disso, as obras estudadas permitem propor um diálogo entre a arte e a vida, que põe em evidência as intensas intersecções entre elas.

Partindo do pressuposto da necessidade de repensar essa literatura – por muitas vezes relegada a segundo plano, discriminada por parte da crítica literária ligada a tendências que privilegiam a literariedade, a análise imanente do texto – é

²⁴ Idem, p.73.

²⁵ Idem, p.74.

que vemos como indispensável à revisitação da obra de Ferreira de Castro. Pensamos que é chegada a hora de repensar e reatualizar essa literatura que conseguiu, dentre outras coisas – o que não é pouco – ser lida por seus contemporâneos.

O enfoque na obra do escritor português é importante porque passados 82 anos da publicação de *Emigrantes* (1928) – romance que, para alguns críticos, como visto acima, é o precursor em Portugal de uma tendência literária, que culminaria em 1937/1938 na sua expressão coletiva, conhecida como Neo-Realismo – o autor e sua obra foram praticamente esquecidos e estigmatizados.

O estudo da produção literária de Ferreira de Castro apresenta-se em consonância com o propósito de desestigmatizar a literatura social. Suas obras demonstram como o olhar do intelectual pode estar fixado no fazer artístico, mas sem abrir mão de questionar a sociedade capitalista – seus problemas, suas desigualdades, sua estruturação em classes – e no caso específico da sociedade portuguesa, vivia-se uma ditadura cruelíssima que impunha aos escritores limites e parâmetros de escrita, além do cerceamento de sua liberdade.

Neste percurso textual de recomposição da trajetória do escritor luso-brasileiro foi imprescindível, além do uso de fontes tradicionais como livros, ensaios, artigos e cartas, outras como reportagens, depoimentos, fragmentos e ainda, devido estarmos distante de Portugal, a utilização de alguns materiais veiculados na internet, cuja disponibilização deve-se ao Centro de Estudos Ferreira de Castro, com sede na cidade onde nasceu o escritor. Destacamos dentre estas fontes virtuais, fotos da Casa-Museu Ferreira de Castro, a partir das quais foi possível fazer uma descrição do ambiente familiar do escritor no segundo capítulo deste trabalho, e o site ‘www.biblio.com.br’ – uma biblioteca virtual de literatura – na qual encontramos um livro raríssimo cuja autoria pertence à primeira esposa de Ferreira de Castro, Diana de Liz, intitulado *Memórias duma Mulher da Época* (1932), em cujo prefácio o escritor descreve sua amargura pela perda da amada e do qual se reproduzirá um trecho no terceiro capítulo.

No primeiro capítulo desta dissertação procurar-se-á demonstrar como é possível, em certo sentido, a obra e a vida de um escritor se interseccionarem por meio de experiências várias, além de fazer-se o acompanhamento da emigração do

garoto José Maria pela remontagem de vestígios textuais que constituem pistas importantes desse percurso, abarcando desde a infância até os seus 21 anos de idade, estes marcando o seu retorno à terra natal.

O segundo capítulo se constituirá pela análise do romance *A Selva*, estruturando-a em três eixos norteadores que consideramos mais significativos para a afirmação do testemunho de uma realidade social brasileira caótica, revelada, com maior expressividade, pelo olhar de um estrangeiro: a escravidão por dívida.

No terceiro capítulo, a análise se centrará sobre a figura de um intelectual que assume a crítica a seu tempo como meio de afirmar o futuro que se pretendia melhor, perpassando o romance *A Lã e a Neve* (1947), que serve de testemunho das dificuldades enfrentadas pela classe trabalhadora portuguesa no auge do salazarismo. Ainda se discutirá como ocorre a incorporação de elementos da vida de operários da Covilhã e pastores da Serra da Estrela na obra artística, como também a transformação do protagonista em direção à sua proletarização.